

## **Etnografia no coração da cidade: um estudo sobre as sociabilidades na Feira Central de Campina Grande<sup>1</sup>**

Deyse Dayane Alves Marques de Luna Freire (UFMG – PB)

Susana Rolim Soares Silva (UFMG – PB)

Palavras-chave: Feira. Sentidos. Sociabilidade.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a Feira Central de Campina Grande a partir das práticas e discursos cotidianos que lhes dão sentido e que, ajudam a construir a memória dos feirantes, fregueses e da própria cidade. Sendo assim, nosso trabalho caminha na direção dos estudos históricos e antropológicos relacionados às feiras livres, que destacam o mercado como espaço de troca, de encontros, de interação e de disputas, de trabalho para alguns e de lazer para outros.

Segundo último censo do IBGE<sup>1</sup>, de 2017, população estimada de Campina Grande, é de 410.332 pessoas. Boa parte dessa população participa ativamente do processo de significação do espaço público da feira, que envolve cerca de 10.000 feirantes cadastrados (SANTOS, 2018). No entanto, esse número cresce ainda mais quando levamos em consideração o fato de que existem ainda os feirantes não cadastrados, como os vendedores ambulantes, àqueles que mesmo não possuindo um ponto comercial fixo fazem da feira o seu local de trabalho e a partir dele garantem o sustento familiar.

Além dos feirantes, é possível observar algumas outras categorias atuando no processo de estruturação e significação da feira, entre eles, os carregadores, ou seja, aqueles que dão um suporte tanto para os feirantes quanto para os consumidores da feira, os passantes, aqueles que outra ou outra circulam por entre as ruas e passagens da feira, e os fregueses, aqueles que cotidianamente frequentam os restaurantes e bares da feira ou consomem muitos dos produtos que ali são ofertados. E há ainda os turistas e visitantes do local, que vão à feira para consumir de sua atmosfera simbólica de sociabilidades. A esse respeito, é importante destacar que a sociabilidade ocupa um lugar de destaque em nossas análises, sendo vista e pensada como ponto de interseção e,

---

<sup>1</sup> “Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

<sup>2</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/panorama>.

ao mesmo tempo, ponto de partida para pensarmos os usos e discursos produzidos no e a partir do espaço público.

O espaço geográfico da feira configura uma malha de cerca de 75 mil metros quadrados, costurada por nove ruas no centro da cidade, acomodando 4.400 bancas (FONSECA, 2014), que se distribui entre barracas de madeira e lona, pontos comerciais de alvenaria, bares, restaurantes e bordéis. Seja no espaço coberto, ou ao sol, a feira não se restringe a limites físicos do espaço, sendo ocupada, praticada, inventada e reinventada das mais variadas formas.

Concebe-se o cenário da feira como um espaço de práticas comerciais, onde é ofertada uma diversidade de itens e serviços, mas também como um território de práticas culturais, sociabilidades, lugar de partilha de sentimentos e produção de sentidos. Extrapolando a esfera econômica, merece destaque as “artes de fazer” (CERTEAU, 2014) do dia a dia da feira, pensada aqui enquanto um fato social total (MAUSS, 2015) já que naquele espaço circulam não apenas objetos, mas uma diversidade de pessoas que trocam cordialidades, astúcias, táticas de resistência e comércio, que se apropriam daquele espaço e criam uma multiplicidade de formas de sociabilidades. De fato, na feira pode-se encontrar de tudo.

A dinâmica da feira e das relações que ali são estabelecidas é percebida já nas primeiras horas da madrugada, quando as ruas da cidade começam a ganhar movimentação, seja pela chegada dos inúmeros caminhões carregados de produtos, que chegam a ocupar boa parte das laterais dos becos, ou ainda pelos feirantes que iniciam os ritos de montagem de seus pontos de trabalho e comércio. Entram em cena também os fregueses, que começam a aparecer bem cedo, seja vindo de outros bairros, ou de outras cidades. Confere-se, assim, à feira uma importância na vida social e econômica de múltiplos sujeitos.

## **1. A feira no passado e as mudanças históricas**

A cidade de Campina Grande tem sua origem diretamente relacionada à prática do comércio. Sendo ponto de intersecção entre o sertão e o litoral paraibanos, sempre se constituiu como rota estratégica de grande circulação de passantes, viajantes e tropeiros, fato esse que em muito favoreceu a realização da feira de rua, que movimentava a cidade tanto do ponto de vista social quanto econômico.

A Feira Central ou Feira Grande, como ainda hoje é conhecida, estava localizada na região definida como sendo o centro da cidade de Campina Grande. No entanto, no início do século XX, em virtude de disputas e interesses políticos, a feira foi transferida para o bairro Manchúria<sup>2</sup> (SOUSA, 2001), local onde funcionava a feira de gado da cidade e região. A historiografia revela ainda que essa área da cidade era conhecida pela sua movimentação cultural, evidenciando uma diversidade de bares e bordéis, sendo inclusive onde estava localizado o Cassino Eldorado, que recebia as principais atrações que animavam as noites da Rua Boa<sup>3</sup>.

A feira enquanto configuração de espaço físico foi mudando de lugar com o tempo, mas o “espaço social” o seguia, transformando as paisagens e dando vida às relações sociais da época. Como era de se esperar, a feira se tornou não apenas um espaço de comércio, mas ponto de encontro entre feirantes, artesãos e poetas populares, onde funcionava o “péla-porco”<sup>4</sup> e irrompeu a Revolta do Quebra-quilos, um movimento popular que irrompeu no espaço da feira contra a lei de sistema decimal instituída pela França e aplicada no Brasil. Iniciado na Paraíba em outubro de 1874, o movimento se opunha às mudanças de novos padrões de pesos e medidas e teve como principal motivação o chamado “Imposto do Chão”, no qual o feirante era cobrado por qualquer espaço do chão da feira que ocupasse para vender sua mercadoria. Historiadores dão conta de relatar o curioso “jogo de estratégias” entre comerciantes e cobradores de impostos, uma delas era o vendedor usar balaios na cabeça para não ocupar o chão.

E assim, a feira foi resistindo à história e ao tempo. Pouco a pouco foi disputando o protagonismo na cidade com os supermercados que começaram a surgir na década de 70 e que introduziram uma dinâmica mais impessoal e prática ao comércio. É em meio à confluência entre passado e presente que os feirantes vão somando estratégias de resistência para manter a atratividade e vivacidade da feira.

---

3 Mandchúria (ou bairro chinês) é como o bairro das piabas (ou currais) ficou conhecido após a transferência do meretrício da cidade para essa região. O termo é uma alusão a invasão japonesa, entre 1931 e o fim da segunda guerra. Até 1911 a China era um império, e nesse ano o imperador foi deposto, para implementação da república. Só que o Japão invadiu a região da Manchúria (hoje, uma região da China) e restaurou a monarquia lá, tendo como imperador títere o imperador deposto e mudando o nome pra Manchukuo.

4 Como era conhecida a rua Manoel Pereira de Araújo, onde se concentravam os cabarés do entorno da feira.

5 Assim foi como ficou conhecido o local na feira onde os barbeiros atendiam, nome propositalmente cunhado pelos donos de salão porque disputavam (e perdiam para o péla-porco) a clientela.

## **2. Ser feirante na feira de Campina Grande - os sentidos e significados construídos pelos feirantes.**

O sociólogo alemão Georg Simmel (1903) nos ajuda a pensar as mudanças decorridas no estilo de vida das pessoas que passaram a viver, sobretudo, nas cidades modernas, caracterizadas por uma intensificação da “vida nervosa”, que acentua as individualidades e impessoalidades. O sentimento de pertencimento ao território reflete a unidade psíquica dos indivíduos, que encontraram em laços recíprocos modos de externalizar necessidades e ímpetos em formas de interação. Essas relações institucionalizadas sob a unicidade psíquica tendem a tornar duradouras certas formas resistentes aos constantes sentimentos desagregadores dos indivíduos, uma vez que em tais processos de cristalizações espaços são deixados para possíveis atos de liberdade por parte dos sujeitos.

As instituições devem ser observadas como processos de interações, como cristalizações de algumas das várias possibilidades que as formas de interação social podem apresentar. Não devem ser, portanto, tomadas como estruturas rígidas, pois são os indivíduos em seus mais variados e complexos conteúdos que, ao entrarem em interação, criam formas variadas de sociabilidade, onde algumas se cristalizam, não de maneira consolidada, mas enquanto processo que dá margem às transformações possíveis aos sujeitos.

Para Michel Maffesoli (1996), a modernidade trouxe esse caráter de estreitamento pessoal, entendido como uma forma de “familiarismo”. O autor aponta a existência dessa configuração quando os sujeitos percebem seus interesses de vida partilhados em grupo, quando há, portanto, um valor central em torno do qual os indivíduos se ordenam e se agregam, senão vejamos:

[...] Percebe-se que a sociedade não é apenas um sistema mecânico de relações econômico-políticas ou sociais, mas um conjunto de relações interativas, feito de afetos, emoções, sensações que constituem, *stricto sensu*, o corpo social. Um conjunto encarnado de certo modo, repousando sobre um movimento irreprimível de atrações e de repulsões. (MAFFESOLI, p.73, 1996)

É nessa perspectiva que a Feira Central de Campina Grande aparece como uma unicidade, como um espaço onde as relações sociais que lhes dão vida e animação são percebidas por intermédio das narrativas de seus personagens, a saber, os avós, os pais e os filhos da feira, que dedicam suas vidas aos seus ofícios. Pessoas que nascem já no contexto de feira, ou passam a frequentá-la ainda criança, aprendem com seus pais e avós o valor que aquele lugar ocupa em seu passado e em seu presente. A feira passa a ser o ‘seu lugar no mundo’, aquele espaço lhe confere um vínculo ao universo, “[...] o vínculo de direito, vínculo pelas coisas é um vínculo de almas, pois a própria coisa tem uma alma, é alma. Donde resulta que apresentar alguma coisa a alguém é apresentar algo de si.” (MAUSS, 2015, p. 198)

Uma forma de se pensar os significados que são empregados pelos feirantes à malha da feira, é refletir para além do viés econômico. Ao se falar em feira, leva-se em conta os mecanismos de produção, consumo e utilização dos bens materiais que aquele espaço propõe às interações, onde um fornecedor oferece sua mercadoria em troca do valor em dinheiro que ela é considerada. No entanto, como as ‘artes de fazer’

[...] as práticas cotidianas que configuram a feira-livre narram muito mais do que simples relações econômicas ou de comércio formal no interior da cidade. Todo o aparato necessário à montagem da feira-livre - com suas bancas, lonas, alimentos, balanças, caminhões, etc - bem como as formas de interação entre fregueses e feirantes: as inúmeras conversas ao pé da banca entre estes personagens, o vai e vem incessante de carrinhos e sacolas pelos corredores lotados, as negociações, as amizades, as receitas trocadas entre fregueses, suas lembranças da feira e das artes de nutrir [...], as jocosidades e performances orais, todos estes aspectos evocam a densidade das relações e das trocas que constituem este fenômeno. (VEDANA, 2008, p.18)

Para além dessa esfera econômica, na feira predomina o formato mais informal e pessoal da relação feirante X freguês, exemplos disso são os casos de afinidade e fidelidade estabelecidos, a ponto do feirante utilizar a histórica “caderneta de fiado”, ampliando a possibilidade de negociação, utilizando suas artes de fazer (Certeau, 2014). O feirante determina especificações e o alcance do sentido da própria noção de venda.

### **3. Um olhar sobre o feirante e o freguês: sociabilidades, sensibilidades e subjetividades.**

Enquanto alguns feirantes estão modificando suas bancas, se integrando ao modelo moderno de negociação, aplicando o CNPJ, adquirindo a máquina de cartão de crédito, balanças eletrônicas e demais ferramentas para que possam “competir” com as novas demandas que o mercado sugere, outros se apegam aos costumes adquiridos outrora, nos tempos áureos em que a feira era o chamariz da cidade e as relações comerciais eram pautadas no jogo estabelecido pelo convívio diário, mantendo em suas bancas o caráter mais “tradicional” possível, marcadamente expresso pela presença da caderneta de fiado.

Sem dúvidas, existem várias formas de perceber e (re) significar o espaço da feira. São os desafios da modernidade que geram novos sentidos individuais e coletivos, e que orquestram o caminho das maneiras de fazer dos feirantes. É nessa perspectiva que percebemos a importância dos sentidos construídos e vividos naquele espaço, bem como dos valores que são mantidos, preservados, em contraposição àqueles que são (re) significados pelas novas gerações de feirantes.

É nessa perspectiva que o nosso olhar se volta ao feirante e ao freguês, enquanto agentes tanto de preservação quanto de transformação social. Por intermédio do seu trabalho, no jogo das relações, conversações e interações sociais, o feirante modifica o espaço urbano, suas rotinas imprimem marcas nas ruas, suas bancas preenchem o vazio de outros dias, fazem o sábado, o dia da feira propriamente dita, ganhar uma conotação diferente na cidade. Suas rotinas e seu “savoir faire” parecem sintetizar aquilo que poderíamos aqui definir como “o espírito da feira”.

Já o freguês, dita o tempo da feira, a hora de começar e a hora desmontar as bancas dos feirantes. Se a freguesia aparece, a feira ganha vida e animação, servindo de estímulo ao feirante. Como vimos, o freguês pode ser um simples transeunte, mas também pode vir a ser o amigo de longa data, aquele que, através do ato aparentemente simples de ‘fazer a feira’ e escolher alimentos, encobre uma infinidade de significados que ultrapassam a razão prática (SAHLINS, 2003), e que aqui também almejamos desvendar.

E não podemos deixar de frisar ainda que, assim como a paisagem de Campina Grande e da feira vêm se renovando periodicamente, o feirante e o freguês, enquanto

agentes sociais, também estão em constante processo, tendo suas feitura entrelaçadas no centro da cidade, de onde toda a história teve início. Logo, são as pessoas, suas subjetividades, narrativas e sentidos atribuídos aos espaços, suas artes de fazer, que estão consolidando historicamente não só a feira como espaço de tradição, mas como vivência cotidiana.

#### **4. O local do fazer-se feirante: a feira**

O formato da feira é “livre”, talvez essa seja uma de suas principais características. A mesma apresenta um crescimento independente de limites físicos, que são representados por bancas, lojas, bares, becos ou ruelas que são cotidianamente disputados por motos, carros de mão e pessoas.

Ela Possui uma organização própria que gera um sentido ao grupo, misturam-se sons, cores, cheiros no local em que espírito coletivo prevalece. Um mundo propício às diversas formas de percepção e usos do espaço público, de onde ecoam os sentidos sobre aqueles que o classificam na vida cotidiana. A esse respeito Leny Sato (2012, p. 25) descreve que:

A feira livre emana muitos cheiros, cores e sons. Os diversos temperos, os pescados, as frutas, as flores estimulam nossos sentidos quando para ela estamos a caminho. Os sons, a depender do horário, já anunciam as boas oportunidades de compra. Visualmente, somos fígados pela diversidade de cores, formas e texturas e somos chamados a interagir continuamente com feirantes.

Mas, nem tudo ‘é livre’ na feira. Existe um “código de posturas” (SESUMA, Lei 4.129/03), elaborado a fim de tecer as regras disciplinares que dispõem sobre as posturas municipais frente aos serviços como o poder policial, a higiene pública, os costumes locais, e também sobre o funcionamento dos estabelecimentos de natureza industrial, comercial e prestadores de serviços.

Para além dos códigos formais e das regras institucionalizadas, as pessoas que ‘fazem a feira’ criam diariamente o seu próprio ordenamento. O “homem ordinário” (CERTEAU, 2014) apropria-se do espaço atribuindo seus próprios usos, suas “artes de

fazer”. Ademais representa um universo de riquezas culturais, de práticas humanas, interações constituídas cotidianamente e consolidadas na tradição popular.

Muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar refeições etc.) são do tipo tática. E também, de modo mais geral, uma grande parte de “maneiras de fazer”: vitórias do “fraco” sobre o mais “forte” (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem etc.), pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de “caçadores, mobilidades de mão de obra, simulações polimorfas, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos. Essas performances operacionais dependem de saberes muito antigos. [...] Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição. (CERTEAU, 2014, p.46)

As relações estabelecidas no espaço da feira transpõem relações econômicas, a feira se constitui como um lugar político e social, palco que testemunhou desde mobilizações populares, mencionadas anteriormente, ao surgimento de expressões culturais inscritas até os dias de hoje na história da cidade de Campina Grande, nas vozes e escritos de cantadores, emboladores de coco, repentistas, cordelistas, poetas que contaram e cantaram as vivências do seu povo.

A feira está inscrita nos sentidos dos feirantes, e se constrói a partir de suas artes de fazer (VEDANA, 2004), como uma herança transmitida pelos pais para as novas gerações, que resiste ao tempo e é (re) significada no processo de transferência. Mas é também reinventada diante dos novos desafios. Está presente na construção de suas identidades individuais e coletivas, e na reconstrução do presente, ao passo que perpetua o passado.

São inúmeras as classificações em torno do espaço da feira atribuídas pelos sujeitos, onde permeia as interações dos feirantes, onde se reveste de variados usos que vão além da mediação de produto e dinheiro, podendo servir como o ponto do bate papo, como confessionário onde se permite construir fidelidades, laços de amizade e confiança, simbolizando o direito de propriedade, o seu lugar no mundo. Parte-se da hipótese de que esse espaço representa um fio condutor entre passado e presente, um espaço dinâmico onde ecoa aspectos de resistências e significações.



## Referencias

- AGIER, Michel. “O acampamento”, a cidade e o começo da política. Em: A rua: espaço, tempo, sociabilidade. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. [17-25]
- COSTA, Antonio Albuquerque da. Sucessões e coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico-científico-informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo. 2006. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE, sob orientação do professor Dr. Nilson Cortez Crocia de Barros. 2006.
- ARAÚJO, Geovanna de Aquino Fonseca. Múltiplos discursos sobre a feira central de Campina Grande: Agenda, 2006.
- CAMPINA GRANDE. Código de posturas. Lei 4.129/03. Disponível em: <http://sesuma.org.br/leis/C%C3%B3digo%20de%20Posturas.pdf>
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CORDEIRO, Índias Graça. “Introdução- contextos e percursos de uma investigação”. Em: Um lugar na cidade: cotidiano, memória e representação no bairro da Bica. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997. [19-36]
- DURHAM, Eunice Ribeiro. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Traduzido por Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (org.). A invenção das tradições. 4.ed. In: A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997. [9-23]
- MAGNANI, José Guilherme. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In Na Metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp, 1996.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné- Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MAYOL, Pierre. “Morar”. Em: A invenção do cotidiano 2. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996. [37-69].

NASCIMENTO, Walkiria do. Etnografia em uma feira livre: o cenário, o dia de feira, os personagens e a sociabilidade. In: OLIVEIRA, Luciana Maria Ribeiro de. TELLA, Marco Aurélio Paz (Org.). Etnografias Urbanas: Espaço, Imagem e Diferença na Cidade. João Pessoa: GUETU, 2017.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. G. (Org.). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.

SAHLINS, Marshall. Cultura e Razão Prática. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SATO, Leny. Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociabilidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Monalisa. SILVA, Vanderlan F. Feirantes e fregueses: negociações e sociabilidades na feira central de Campina Grande. Iniciação científica. Universidade Federal de Campina Grande, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Relatório de Pesquisa. 2018.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). Mana, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, Oct. 2005, p. 577-591

VEDANA, Viviane. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. Horizontes Antropológicos, v.19, n39. Porto Alegre, jan- june 2013.

\_\_\_\_\_. Fazer a feira: estudo etnográfico das ‘artes de fazer’ de feirantes e fregueses da Feira Livre de Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Dissertação de mestrado, UFRS, 2004.

VELHO, Otávio Guilherme. O Fenômeno Urbano. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

WEBER, Max. Conceito e categorias de cidade. In: VELHO, O. G. (Org.). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1979.